

## Editorial

# Titulação acadêmica e competência



*Prof. Dr. Marco Antonio Guimarães da Silva*

Premidas pelas exigências impostas pelo Ministério da Educação, as universidades, centros universitários e faculdades brasileiras, passaram a exigir que seus docentes se qualifiquem academicamente. Tal fato acabou gerando uma corrida desenfreada em busca da imposta titulação. Como era de se esperar, as agências fomentadoras de pesquisa no Brasil passaram também a vincular a oferta de bolsas e auxílios aos titulados academicamente. Parece bastante lógica a preocupação dos órgãos condutores da pesquisa e ensino no país na promoção da qualidade em suas respectivas áreas. É preciso, entretanto, muito cuidado, porque se cumprida à risca a tal determinação, acabaremos por formar uma legião de “excluídos” ou por criar diferenças de posição social entre professores. A universidade não pode hierarquizar-se em classes e sub-classes de docentes, sem deixar espaço para os que, apesar de excelentes profissionais, pesquisadores e pensadores, não puderam ou não quiseram levar adiante as imposições do sistema vigente. A questão só não é tão grave sob ponto de vista sócio acadêmico, porque ainda há nas universidades um desequilíbrio numérico entre os que são e os que não são PhDs.

Sob ponto de vista biológico, a ontogenia repete a filogenia em diversas áreas do desenvolvimento homem/espécie. Analogicamente, guardando-se as devidas proporções, parece que, sob a ótica sócio-comportamental, a mitificação do PhD no meio acadêmico guarda uma estreita relação com o processo civilizatório da espécie humana, que, mesmo nos países onde alcançou o chamado alto grau de desenvolvimento, tem dado mostras de equívocos e regressões. Há que se ter muita competência para administrar todos esses fatos. Toda esta história poderá resultar na criação de um movimento de discriminação entre professores.

\* *Editor científico  
de Fisioterapia Brasil  
Pós Doutorado na UFRJ  
Professor de mestrado  
recomendado pela CAPES  
E-mail: marco@imagelink.com.br*

No passado as vozes e letras de pensadores e filósofos como Pascal, Montaigne, Montesquieu e, mais recentemente, Levi-Strauss, se manifestaram contra as pretensas “raças e classes superiores”. Até que ponto não estaríamos reproduzindo também uma pseudo superioridade nas universidades.

Talvez na vitória do estruturalismo sobre o humanismo, bem evidenciada nos ensaios de Foucault, esteja a gênese de toda a história. Um sistema que busca a estrutura impessoal e que vincula o valor da produção à titulação prévia, acaba determinando limites e subordinações para o ser pensante.

Se no meio acadêmico o que outorga a reputação e o respeito é a titulação, na vida profissional não ocorre o mesmo. Alguns dos melhores profissionais na área de fisioterapia que conheço, não são possuidores de títulos e poderão seguir se destacando como os melhores em suas especialidades. Alguns fazem pesquisa de qualidade, publicam excelentes livros, que são referência para concursos públicos, e têm se mostrado professores com conteúdo e organização metodológica de fazer inveja ao mais conceituado educador.

Que fique claro que, embora tenha uma certa admiração pelo anarquismo, não sou seguidor de Bakunin e, tampouco, marxista empedernido. Não faço apologia ao não reconhecimento acadêmico, até porque segui todos os trâmites acadêmicos vigentes. Apenas desejo sugerir que o bom senso deve prevalecer na hora do julgamento de profissionais que são verdadeiros ícones da fisioterapia, mas não possuem títulos de especialização, mestrado ou doutorado.

.....